



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Melany Rezende Paese**

**Contando, Cantando, *Contarolando*: uma reflexão sobre a interação com as crianças  
durante performances narrativas**

**FLORIANÓPOLIS, julho de 2015**

**Melany Rezende Paese**

**Contando, Cantando, *Contarolando*: uma reflexão sobre a interação com as crianças durante performances narrativas**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. Sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gilka Girardello.

**FLORIANÓPOLIS  
2015**

**Melany Rezende Paese**

**Contando, Cantando, *Contarolando*: uma reflexão sobre a interação com as crianças durante performances narrativas**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo nota \_\_\_\_\_.

Florianópolis, 16 de julho de 2015.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Coordenador(a) do Curso

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gilka Girardello  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Simone Cristiane Silveira Cintra Silva  
Membro Externo Titular  
Rede Municipal de Ensino de Florianópolis

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lilane Maria de Moura Chagas  
Membro titular  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Eliane Santana Dias Debus  
Membro Suplente  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha Professora e Orientadora Gilka, que sempre me trouxe inspirações, dividiu comigo seus saberes e me guiou durante este processo solitário de escrita, que mesmo com tantas outras responsabilidades sempre teve um tempo para sanar minhas dúvidas e acalmar meu coração. Espero que nossos caminhos continuem a se encontrar, muitíssimo obrigada!

À minha professora, mentora, amiga e exemplo de vida Simone, é em você que me espelho, você que sempre me acolheu e dividiu seu conhecimento, que me orientou durante minha chegada ao grupo e que sempre esteve disposta a ajudar, sempre esteve disponível para conversarmos e sempre soube ouvir, meu muito obrigada!

Dedico este trabalho também às minhas companheiras contadoras de histórias do grupo Contarolando, Aline, Andréa, Bárbara, Catrine, Daniela, Giselli, Larissa e Nina, muito obrigada pela paciência e pelos momentos prazerosos que passamos juntas.

E por fim, dedico às crianças que, com sua disponibilidade e olhares atentos, sempre nos motivaram a espalhar nossas histórias. Sem elas, nada disso seria possível! Obrigada!

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente àquela que sempre esteve comigo e torceu pelo meu sucesso desde o princípio, minha avó Sylvia, que mesmo longe esteve comigo, ouviu meus anseios e sempre me trouxe palavras de carinho e conforto, que me incentivou até o fim e demonstra todo o seu orgulho com a profissão que escolhi.

A minha mãe, que mesmo não concordando inicialmente com a minha escolha, nunca deixou de me apoiar e me ouvir, e hoje ao percorrer todo este caminho comigo, confessa que fiz a escolha certa, e mesmo sem concordar sempre me deu todas as forças para continuar.

Agradeço as minhas companheiras de curso, que passaram por todos os momentos de luta e de alegrias ao meu lado, foi muito bom estar com vocês durante todo este percurso.

Agradeço também a um amigo especial, que me deu forças quando escolhi ser professora, e me apoiou, incentivou, escutou, e me amparou em muitos momentos.

Ao meu namorado, que nos momentos finais me incentivou e me deu forças para continuar, entendeu a minha ausência e comemorou comigo minhas conquistas.

E finalmente a todos os professores e professoras que me ensinaram e me formaram, foram vocês que me constituíram como professora e tornaram meu caminho mais bonito, estão todos guardados no meu coração.

Alice! Recebe este conto de fadas  
E guarda-o, com a mão delicada,  
Como a um sonho de primavera  
Que à teia da memória se entretece,  
Como a guirlanda de flores murchas que  
A cabeça dos peregrinos guarnece.

Lewis Carroll (2009,p.12)

PAESE, Melany Rezende. Contando, Cantando, *Contarolando*: uma reflexão sobre a interação com as crianças durante performances narrativas. (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de Pedagogia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

#### RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo contribuir para a valorização da importância da arte de contar histórias para crianças, por meio da reflexão sobre o envolvimento das crianças com a narração de histórias. A partir de uma experiência como narradora de histórias no grupo cênico-literário *Contarolando*, buscou-se compreender melhor a interação entre as crianças e a narradora durante as performances. O trabalho tem como metodologia o estudo de caso de cunho autobiográfico, pois, além de fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema, explora algumas vivências da autora como narradora de histórias junto ao grupo de criação cênico-literária. Entre seus principais referenciais teórico-metodológicos estão Girardello (2004, 2006, 2014), Sisto (2004 e 2012), Umbelino (2005), Busatto (2003), Machado (1989), Oliveira (2007), Cintra; Debus (2015) e Manferrari (2011). Como principais resultados, ressaltou a evidência da importância e das contribuições da narração de histórias para o desenvolvimento infantil, bem como a partilha reflexiva de alguns momentos destas performances narrativas e da interação entre contador e ouvinte nelas ocorrida.

**Palavras-chave:** Narração de histórias; interação; imaginação; criança.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO UM – Contando, Cantando, <i>Contarolando</i> .....	14
1.1 <i>Contarolando</i> eu vou... ..	15
1.2 Criando e recriando histórias.....	16
1.2.1 <i>Amigos</i> .....	17
1.2.2 <i>O pacote que tava no pote</i> .....	18
1.2.3 <i>Gaitinha tocou, Bicharada dançou</i> .....	20
CAPÍTULO 2- Contando e encantando histórias.....	22
2.1 Teias e tramas da arte de contar histórias.....	22
2.2 A mágica interação entre narrador e espectador.....	24
CAPÍTULO 3 – Contando com alma e coração.....	28
3.1. Na Creche Orlandina Cordeiro.....	28
3.2. No Hospital Infantil Joana de Gusmão.....	32
3.3. Nos CEI's Santa Cruz da Figueira e Beija-Flor - Águas Mornas.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40





## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende descrever e refletir sobre a interação e o envolvimento das crianças com a narração de histórias, a partir da minha experiência como narradora de histórias no grupo *Contarolando*, no contexto do Curso de Pedagogia/UFSC, buscando compreender melhor a interação com as crianças durante as performances narrativas.

Partindo da premissa de que a imaginação faz parte da construção da identidade cultural e histórica da criança, pois ela “se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica” (VIGOTSKY, 2003, p.10)”, pretendo discutir como o processo de contar histórias pode contribuir para instigar a imaginação das crianças, com foco na interação entre quem narra e as crianças que escutam.

Então me pergunto: de que forma a narração de histórias pode promover o desenvolvimento da imaginação das crianças, por meio da interação entre narrador e ouvinte? Para Mello, (2006, p.183) “a vivência de experiências significativas cria necessidade de expressar-se e comunicar-se”, ou seja, o modo como a criança entra em contato e tem acesso à arte de contar histórias, fará toda a diferença.

Pretendo abordar primeiramente como se constituiu o grupo *Contarolando* e como eu passei a fazer parte dele, além de dizer um pouco sobre a sua trajetória até o presente momento. No segundo capítulo trago algumas referências sobre a tão antiga arte de contar histórias, bem como um pouco sobre a interação entre narrador e espectador durante as performances narrativas. Apresentarei essas referências a partir do meu ponto de vista, apoiada em autores que trazem algumas visões de como ocorre a interação nos momentos de narração de histórias. A seguir, trarei alguns registros sobre momentos em que pude vivenciar o envolvimento e a interação das crianças com a narração de histórias, refletindo sobre eles a partir das referências teóricas e com o foco em meus objetivos.

Parto do pressuposto de que contar e ouvir histórias é muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois auxilia no processo de sua formação humana, favorecendo a aprendizagem e contribuindo na potencialização da imaginação, da linguagem, da memória,

entre outras habilidades humanas, contribuindo também no processo de comunicação, socialização e aprendizagem da criança.

Além disso, participo do grupo cênico-literário *Contarolando*, de narração de histórias, há três anos (2012-2015), e em toda a nossa trajetória contamos variadas histórias para grupos de crianças. Esta experiência me proporcionou observar o encantamento dessas crianças por ouvir e imaginar, ver seus olhos brilharem, e sua atenção em todos os detalhes foi o que me instigou a iniciar esta pesquisa. Ao procurar material para minha base teórica, percebi que, por mais que já existam muitos materiais de pesquisa sobre o Contar Histórias, o envolvimento e a participação das crianças com a narração de histórias, a partir da experiência de uma pessoa que conta histórias, ainda é um tema que me parece menos explorado.

Desta forma, justifico a necessidade de refletir e escrever sobre o envolvimento das crianças com a narração de histórias a partir da experiência que venho tendo como narradora de histórias no grupo *Contarolando*, buscando compreender melhor a interação entre as crianças e a narradora durante as performances. Farei uma retomada sobre a arte de contar histórias, sua importância para o desenvolvimento infantil, e trarei alguns referenciais teóricos para contribuir na fundamentação da minha pesquisa.

O **objetivo geral** deste trabalho é, assim, contribuir para a valorização da importância da arte de contar histórias para crianças, a partir de uma experiência como narradora no grupo cênico-literário *Contarolando*, buscando compreender melhor a interação entre as crianças e a narradora durante as performances. Os **objetivos específicos** são: enriquecer o acervo de registros sobre o Grupo *Contarolando*, permitindo que outros (as) estudantes possam conhecê-lo melhor; valorizar uma experiência realizada durante a formação em Pedagogia que representa uma síntese da minha formação teórico-prática dentro do curso; e, por fim, discutir o potencial do trabalho com histórias no Grupo *Contarolando* como forma de aproximação das crianças à leitura literária, trazendo experiências significativas e contribuindo para o envolvimento das mesmas com a literatura.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso a **metodologia** de pesquisa utilizada foi um estudo de caso de cunho autobiográfico. Entre os procedimentos utilizados estão uma revisão

bibliográfica, uma análise de registros das performances, com apoio em materiais do arquivo do grupo *Contarolando*, e a produção de relatos baseados em minhas recordações de experiências vividas contando histórias para crianças, com o grupo. Os textos do arquivo utilizados foram: Debus (2014); e Debus e Cintra (2015).

Na disciplina Pesquisa em Educação II, desenvolvemos o pré-projeto de TCC, e meu pré-projeto tinha como foco a narração de histórias na prática pedagógica do(a) professor(a) de educação infantil. Porém, após uma melhor análise do tema, resolvi trazer alguns registros de apresentações do grupo de criação cênico-literária do qual faço parte, examinando-os, a partir de um diálogo com autores do campo da narração de histórias, com foco na temática da interação entre narrador e espectador.

A escolha deste tipo de abordagem metodológica surgiu da vontade de, a partir de uma experiência de vida, entender melhor os processos de interação, comunicação, troca e partilha entre quem conta e quem ouve, assiste e participa de momentos de narração de histórias. Segundo Nóvoa:

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico... a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1993, p. 18)

Sendo assim, ao sentir essa necessidade de descrever e refletir sobre a interação das crianças durante as performances narrativas, a partir da minha experiência como narradora de histórias no grupo *Contarolando*, elaborei este trabalho por meio da partilha dos registros e das reflexões acerca desta temática. No primeiro capítulo, trago um pouco sobre a história e a trajetória do grupo *Contarolando*, abordando aspectos de sua criação, a construção do processo criativo das histórias, a dinâmica do grupo. Trago também a descrição de montagens cênico-literárias que fazem parte do repertório do grupo, bem como o roteiro de apresentações feitas pelo grupo.

No segundo capítulo, falo sobre a importância da arte de contar histórias, para justificar o quanto ela pode ampliar a capacidade imaginativa e os significados da vida para as crianças, além de auxiliar no desenvolvimento da oralidade, da observação, da linguagem escrita, do raciocínio lógico, estimulando também o interesse da criança pela leitura. Destaco principalmente seu caráter de experiência interativa, que proporciona um relacionamento prazeroso entre o contador e o ouvinte.

Ainda nesse capítulo, apresento algumas reflexões sobre o modo como eu vejo a interação entre narrador e espectador durante as performances narrativas, trazendo também referências teóricas sobre a interação durante a narração de histórias.

No capítulo seguinte, exponho alguns registros reflexivos de algumas apresentações com o grupo *Contarolando*, nas quais percebi uma grande interação com as crianças. O trabalho conclui com uma síntese dessas reflexões, nas considerações finais.

## CAPÍTULO UM – Contando, Cantando, *Contarolando*

### 1.1 *Contarolando* eu vou...

Iniciei minha trajetória no grupo *Contarolando* em 2012, entretanto, o grupo foi criado em 2011, surgindo como resultado da pesquisa de pós-doutorado da Professora Simone Cintra, sob a supervisão da professora Eliane Debus, intitulada *Teatro, Literatura para a Infância e Prática Educativa: diálogo entre fazeres*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Quando entrei no grupo, as componentes junto as professoras já haviam elaborado a criação cênico-literária da história *O pacote que tava no pote* (2003), da autora catarinense Eloí Bocheco. Vale mencionar que o conceito de *criação cênico-literária* foi proposto no contexto da pesquisa referida acima. Como explicam Cintra e Debus (2015):

"Esse grupo, o *Contarolando*, tem se dedicado a contar histórias da literatura infantil (de origem escrita) para crianças, em especial, crianças de Educação Infantil, mas, também, para estudantes, universitários e professora(s). Um trabalho para o qual, considerando suas especificidades, cunhamos o termo criações cênico-literárias, uma vez que as histórias são contadas por um coletivo de contadoras que utilizam diferentes elementos da linguagem teatral como, por exemplo, a representação de partes da história, o uso de sonoplastia e a caracterização de alguns personagens."(CINTRA; DEBUS, 2015, p.42)

Em 2012, o grupo *Contarolando* elaborou sua segunda criação cênico-literária, a partir da narrativa *Amigos* (2000), de Helme Heine, e ao final daquele ano o grupo apresentou o resultado de seu trabalho para as crianças do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC). Em 2013, o grupo dedicou-se à apresentar as duas criações cênico-literárias em diferentes espaços educativos da Grande Florianópolis, como creches e escolas das redes públicas e privadas, bem como na Biblioteca Barca dos Livros e no Hospital Infantil Joana de Gusmão. Nesse ano o grupo também acrescentou ao seu repertório outra narrativa de Eloí Bocheco, *Gaitinha tocou, Bicharada Dançou* (2008).

No primeiro semestre de 2014, o grupo continuou com as apresentações das três histórias de seu repertório, em diversos espaços educativos, como creches da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a biblioteca Barca dos Livros, o auditório do CED/UFSC, bem

como na recepção dos calouros do Curso de Pedagogia, realizada nas imediações do NDI/UFSC.

No segundo semestre de 2014, o grupo ampliou seus caminhos e saiu da região da Grande Florianópolis pela primeira vez, apresentando-se no 18º Encontro do Proler de Joinville. Neste semestre o grupo *Contarolando* dedicou-se às apresentações, além de Joinville, percorreu a grande Florianópolis, fazendo 13 apresentações no total. Apresentou-se na recepção dos calouros do Curso de Pedagogia da UFSC, na creche do Hospital Universitário, em creches e Núcleos de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, bem como em uma escola municipal e em outra escola estadual de Florianópolis.

Além disso, o grupo marcou presença no VI Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VI SLIJ), na UFSC, e no I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (I SELIPRAM), também em Florianópolis, contribuindo ainda na abertura do Curso "Pró-docência: formação continuada para profissionais em atuação na educação infantil das redes públicas de ensino da Santa Catarina" (FOCO) coordenado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa da Educação na Pequena Infância (NUPEIN/CED/UFSC), realizando uma apresentação no Centro de Educação Continuada da Rede Municipal de Florianópolis. Vale ressaltar que o grupo só pode fazer estas treze apresentações pois teve seu projeto aprovado no Edital 001/2014 do Programa de Apoio a Ações de Cultura – PROCULTURA, da Universidade Federal de Santa Catarina, o que permitiu que o trabalho fosse apresentado a um público total de aproximadamente 2200 pessoas (cf. DEBUS;CINTRA, 2015).

Neste primeiro semestre de 2015, o grupo *Contarolando* realizou duas apresentações, uma no Hospital Infantil Joana de Gusmão, e outra no município de Águas Mornas. Neste semestre o grupo optou por focar na formação de novos integrantes, pois ao final do semestre quatro das sete integrantes atuais irão se formar, o que deixará o grupo desfalcado. Assim, o grupo *Contarolando*, junto a professores e colaboradores, propôs oferecer a formação

“*Contarolando* em formação: contando e (en)cantando histórias”, aberta aos estudantes de Pedagogia<sup>1</sup>.

## 1.2 Criando e recriando histórias

No segundo semestre de 2012, que foi quando eu entrei no grupo, demos início ao processo de criação da história *Amigos* (2000), de Helme Heine. Anteriormente, as componentes do grupo, junto à Professora Simone, já haviam montado a criação cênico-literária da história *O pacote que tava no pote*. Como eu não participei deste processo de criação, irei apenas fazer a descrição de como a apresentação acontece. Começarei relatando um pouquinho da montagem de *Amigos*.

### 1.2.1. *Amigos*

Em um dos nossos encontros, tivemos contato com diversos livros de histórias apresentados pela Professora Simone, e, divididas em dois grupos, nos foi pedido que escolhêssemos qual história nos tocava mais. As duas histórias escolhidas foram: *Amigos* (2000), de Helme Heine, e *Abrindo Caminhos* (2005) de Ana Maria Machado. Primeiramente a ideia era montarmos as duas histórias, mas durante o percurso vimos que naquele momento isso não seria possível e acabamos escolhendo iniciar o processo de criação da história *Amigos*.

Foram necessários muitos ensaios, e durante um semestre inteiro nos dedicamos com afinco até que a história ficasse do jeito que queríamos. Os ensaios, na maioria das vezes, aconteciam em dois momentos. A Professora Simone começava sempre com alguma dinâmica e alongamentos, para prepararmos nosso corpo e nossa voz, e, em um segundo momento, partíamos para o processo de criação, em que cada uma ia dando ideias e as íamos executando, vendo o que funcionava ou não. Este processo sempre foi muito coletivo e tem muito “a cara do grupo”. Depois de muito diálogo e experimentações, chegamos ao que a apresentação é hoje; é claro que a cada ensaio íamos lapidando os movimentos, a voz, a

---

<sup>1</sup>Em virtude da greve estudantil que ocorreu no Curso de Pedagogia da UFSC em maio e junho de 2015, a formação teve seu início adiado.



postura, os movimentos corporais e o entrosamento entre o grupo, e até hoje estamos em processo, pois a cada ensaio e a cada apresentação nos conhecemos melhor e conhecemos mais umas às outras.

A história conta as aventuras de três amigos, são eles: o galo Juvenal, o porco Valdemar e o rato Frederico. Decidimos então, que seria necessário que três componentes encenassem a história, que seria contada por três narradoras e uma sonoplasta.

Então, pouco a pouco, dia a dia, fomos dando vida e forma às aventuras dos três Amigos, num processo de montagem que foi árduo e exigiu do grupo muita interação, cumplicidade e compreensão. A criação cênico-literária desta história começa com a música *Pé de Nabo*, do grupo Palavra Cantada. Uma das integrantes entra em cena aos acordes desta música, com uma cadeira nas mãos, e vai brincando e dançando no palco até determinado momento, quando ela avista as outras integrantes e faz sinal com as mãos para as outras entrarem em cena, e uma a uma vamos entrando, dançando e cantando, dando início à montagem do cenário.

Até o término da música, todas já estão em seus respectivos lugares, e uma das narradoras pega o livro nas mãos e diz: "A história de hoje é...", e em coro todas respondem: *Amigos!* Então a Andrea e a Nina começam a cantar e tocar a música *Uma história*, do grupo Palavra Cantada, e algumas meninas modificam seus lugares no cenário. Ao término da música, eu pego o livro das mãos da outra narradora e digo: "Eu começo!" E as outras duas narradoras discutem para ver quem será a segunda e a terceira a contar a história.

Eu começo contando a história, e, como tivemos muitos ensaios, não preciso mais ler o livro: continuo com ele nas mãos como um apoio e como uma referência para as crianças, mas a história já está gravada em mim. Os personagens que estão no meio do cenário vão encenando minhas falas, com ajuda da sonoplastia feita por outra integrante do grupo, usando apitos, pau de chuva, pedrinhas, chocalhos e tambor, entre outros instrumentos. Quando eu termino minha parte, passo o livro para a segunda narradora, e ela, ao terminar, passa o livro para a terceira narradora. Ao final da história nós cantamos em conjunto a música *Amigos*, que encontramos no livro *Contar Cantando* (2001), da dupla Francisca Cavalcanti e Adelino dos Santos Neto (Chica e Adê).

Contando assim, parece que foi muito fácil, mas todo este processo demorou um semestre inteiro, foram necessárias muitas modificações, repetições sequenciais e muito amor para chegarmos nesta criação. Ao final do semestre, com tudo pronto, apresentamos o resultado para as crianças do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC, e vimos que todo nosso esforço valeu a pena.

### 1.2.2. O pacote que tava no pote

Anteriormente falei que não participei do processo de criação da montagem cênica desta história, mas, como a mesma faz parte do repertório do grupo, e também tenho atuado como narradora dela, irei contar como a apresentação acontece.<sup>2</sup> *O pacote que tava no pote*, de Eloí Bocheco (2008), conta as aventuras da Bruxinha Elisa e de seus amigos de Ribeirão do Araçá. Nesta narrativa, a bruxinha encontra um pacote dentro de um baú, e em cima dele tem um bilhete, dizendo que, para abrir o pacote, ela deve falar com a Andorinha Lica em véspera de lua cheia. Então a bruxinha sai à procura da Andorinha Lica e pede ajuda a seus amigos de Ribeirão do Araçá durante o caminho.

A montagem desta história, feita pelo grupo, conta com uma narradora, e as outras integrantes que representam um ou dois personagens. São eles: Bruxinha Elisa, Abelha, Coruja, Pardal, Sagui, Borboleta, Mina D'Água e Andorinha Lica. A performance acontece no meio do público, ou seja, com exceção da narradora, que fica no palco ou no centro do cenário, os outros personagens estão espalhados e misturados com os espectadores.

Começamos a história com uma música própria do grupo, chamada *Contarolando*. Como uma das integrantes do grupo tem um pai que é músico, nós pedimos à ela se seria possível que seu pai compusesse uma música para o grupo. Luis Ubirajara Rodrigues atendeu ao nosso pedido e compôs a canção, cuja letra é a seguinte:

---

<sup>2</sup> Para conhecer o processo de criação desta história, ver o artigo: CINTRA, S.; DEBUS, E. (2015): “Criações cênico-literárias na formação inicial de professoras de educação infantil: as tramas tecidas pelo Grupo Contarolando”. In Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, 2, pp. 41-48. Disponível em: <http://www.novosmedios.org/revista/index.php/AEICp/article/view/90/72> Acesso em: 05/07/2015.

Tantas histórias nós temos pra contar  
 Em cada história nós vamos lhe mostrar  
 Que vale a pena aprender  
 Que vale a pena saber  
 Histórias lindas nós contamos pra vocês  
 Contarolando eu vou, contador de histórias eu sou  
 Nessa magia que a vida me ensinou  
 La La La La La La La La La  
 La La La La La La La La  
 Histórias lindas nós contamos pra vocês

A narradora toca a melodia da música na flauta transversa, e a personagem da Bruxinha Elisa vai montando o cenário até o término da música. Então a narradora começa a contar como a Bruxinha Elisa encontrou o pacote dentro do pote e como ela resolveu encontrar a Andorinha Lica. A partir deste momento, a bruxinha Elisa começa a percorrer a plateia atrás de cada personagem, para que eles a ajudem a abrir o pacote. Após percorrer todo o Ribeirão do Araçá, ela conversa com a Mina D'Água, finalmente descobre como encontrar a Andorinha Lica e vai ao seu encontro.

Quando encontra a Andorinha Lica, a bruxinha pede que a amiga abra o pacote que estava dentro do pote para revelar finalmente o que havia dentro dele, a amiga assim faz, e juntas descobrem um bilhete da mãe da bruxinha com o primeiro dente de leite dela dentro. A narradora então conta que a bruxinha Elisa fez um cordão para pendurar o dente e que contou toda sua aventura para seus amigos da Escola Primária de Adivinhação, dando fim à história.

### 1.2.3. Gaitinha tocou, bicharada dançou

A escolha desta história teve um começo parecido com a de *Amigos*. Durante um de nossos encontros, a Professora Simone levou diversos livros para escolhermos, mas novamente a ideia era escolhermos duas histórias e nos dividirmos para contá-las. Fizemos

uma roda na Sala do Corpo do Curso de Pedagogia e espalhamos os livros no meio, ficando cada uma incumbida de escolher dois livros e recontar a história rapidamente para as demais. Uma a uma foi contando do que tratavam as histórias que havia escolhido, e ao final da rodada escolhemos duas histórias: *Gaitinha tocou, bicharada dançou* (2008), de Eloí Bochecho, e *A princesa desejosa* (2012), de Cristina Biazetto.

Após uma conversa em grupo, decidimos criar uma história de cada vez, e iniciamos com *Gaitinha tocou, bicharada dançou*. Esta história conta mais uma das aventuras da Bruxinha Elisa e seus amigos de Ribeirão do Araçá. Nesta narrativa, Eloí Bochecho nos conta que a Bruxinha estava tocando sua gaitinha de boca, quando a gaitinha escorregou de sua mão e foi cair no meio de uma touceira de capim, justamente onde uma cobra dormia. A cobra acordou e pegou a gaitinha da bruxinha para si, e não havia jeito de ela devolvê-la pra bruxinha. A cobra pede então para que a bruxinha toque sua gaitinha, para que ela cante e dance e assim ela faz, mas a cobra continua não querendo devolver a gaitinha. A bruxinha Elisa, cansada de tocar, ameaça transformar a cobra num pé de chicória, e a cobra resolve pedir que a bruxinha Elisa vá colher três romãs para que ela devolva a gaitinha para a dona.

A bruxinha Elisa vai até o pomar colher as romãs, mas em seu caminho encontra um camaleão estirado ao longo da passagem da bruxinha. Ele pede que Elisa entre em uma brincadeira de perguntar e responder antes de seguir seu caminho. Ao terminar a brincadeira, a bruxinha colhe as romãs, entrega-as à cobra e sai tocando sua gaitinha estrada afora até chegar em casa, trazendo fim à narrativa.

No início do nosso processo de criação e montagem, chegamos ao consenso de que deveríamos encenar de alguma forma as ações dos três personagens: a bruxinha Elisa, a Cobra e o Camaleão. Primeiramente, pensamos em ter duas bruxinhas, uma para cada momento da história, porém durante o processo de criação uma das integrantes, que faria a bruxinha em um dos momentos, saiu do grupo. Na formação atual, tínhamos então três personagens e quatro narradoras. Aos poucos fomos dividindo as falas, inserindo objetos e instrumentos musicais, e adequando as cenas, as movimentações dos personagens e das narradoras.

Este processo demorou bastante, e exigiu bastante paciência e interação entre o grupo, pois tivemos que saber respeitar o tempo do outro, seus limites, brincar junto e também saber falar sério, aceitar as críticas e tentar melhorar, enxergar o lado do outro e saber acolher,

afagar e puxar a orelha quando preciso. Houve dias em que ensaiamos até cansar, mas no final de cada passagem a Simone sempre tinha alguma anotação no seu caderninho, e sempre tínhamos algo para melhorar ou um elogio para escutar. E fomos seguindo até sentirmos que aquela história já estava gravada na gente, nos nossos corações e na nossa alma, e com tudo isso pronto, partimos para o próximo desafio: a aprovação do público!

Peço agora licença aos leitores para interromper um pouco a descrição do trabalho do *Contarolando*, para apresentar, no capítulo seguinte, as referências teóricas que vão me permitir depois retomar os relatos sobre as nossas apresentações, de modo mais reflexivo e aprofundado.

## **CAPÍTULO 2- Contando e Encantando histórias**

### **2.1- Teias e tramas da arte de contar histórias**

A arte de contar histórias, além de muito antiga, muito prazerosa e lúdica, é também extremamente educativa, pois ela amplia a imaginação da criança e possibilita que ela desenvolva a oralidade, a observação, a linguagem escrita, além de ajudar no raciocínio lógico e estimular o interesse da criança pela leitura. Para Silva e Afonso, “a criação de espaço para a criança contar, recontar e inventar histórias, dando sentidos e significados às experiências vivenciadas em seu cotidiano, propicia o exercício da linguagem oral, da invenção, como autores e criadores de sentidos e textos.” (2012, p.5). A arte de contar histórias possibilita também que um trabalho com a memória cultural e afetiva seja desenvolvido com as crianças, pois, como dizem Fox e Girardello, “a arte narrativa faz parte do tecido da cultura” (2004, p.12).

Considero que a arte de contar histórias é uma experiência interativa, que proporciona um relacionamento prazeroso entre o contador e o ouvinte. Quando penso no valor social de contar histórias, percebo que contar histórias traz um grande relaxamento e acalma a atmosfera por vezes tumultuada do universo infantil; esta prática cultural, ao meu olhar, tem o poder de estabelecer um vínculo e um bom relacionamento entre o narrador e as crianças.

Através da escuta, a criança aguçará sua capacidade de interpretação, sua imaginação e sua curiosidade. Para Walter Benjamin, a maneira com que a história é contada faz uma diferença enorme na assimilação e no entendimento de quem a ouve; sendo assim, quanto maior for a familiaridade do contador com a história, “mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais facilmente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia” (BENJAMIN, 1994, p.204).

Na perspectiva de um diálogo com a imaginação, acredito que durante a infância “as crianças tendem a se envolver, a se entregar livre e intensamente à fantasia” (OLIVEIRA, 2007, p.76), o que, de acordo com RIBEIRO (2010), faz com que elas aprendam gostos e valores, pois

[é] quando a criança está nesta fase de desenvolvimento e descobertas que se deve proporcionar-lhe este contato com os livros, fazendo com que ela perceba que através deles ela pode aprender a escrever, a imaginar, a pensar e a descobrir o mundo (RIBEIRO, 2010, p.7).

Ainda constituindo um diálogo entre a imaginação e a interação, retomamos o que apontam Fox e Girardello: “A pessoa que conta e a que escuta uma história compartilham da mesma clareira imaginativa durante os minutos em que dura a narração. Ainda que as imagens mentais sejam únicas para cada uma, entre elas vibra a centelha de um sentido comum” (2004, p. 128). Entendo que neste momento, em que tanto o narrador quanto as crianças passam por este processo imaginativo, entrando em contato com os elementos da natureza daquela história (personagens, paisagens, objetos, etc.), e mergulhando dentro dela, eles criam “fontes inesgotáveis de estímulos para a imaginação e para experiências estéticas. Essas imagens e experiências [...] vividas com intensidade, espanto, admiração, encantamento e afetividade, tendem a alimentar a imaginação” (OLIVEIRA, 2007, p. 77).

Para Girardello, uma das condições mais frequentemente vistas como propícias à imaginação é a relação tão próxima com a fruição estética, principalmente a relação íntima da criança com a literatura e com a arte (2011, p.77). Sendo assim, nas rodas ou nos momentos de narração de histórias, é possibilitado que a criança se aproxime da literatura e da arte, e nos momentos de ouvir histórias, quando inseridos em um contexto favorável, o narrador propicia às crianças o prazer de ouvir uma história contada com prazer. Girardello ainda diz que “as rodas de história são clareiras no bosque por excelência. Elas ajudam as crianças a desenvolver a escuta poética e a contar histórias também” (2014, p.68). Sendo assim, vejo que a narração de histórias é uma atividade muito rica, de dimensão lúdica, artística, cultural e pedagógica.

Partindo destes apontamentos, destaco que, ao escutar uma história, a criança tem a oportunidade de criança criar e recriar, além de poder ter um aumento na qualidade de sua vida imaginativa. Pois, conforme apresentado até agora, a narração de histórias é um aspecto cultural central para o desenvolvimento imaginativo da criança, sendo que “o estímulo narrativo é um dos mais poderosos hormônios da imaginação” (*idem*, p.10). Ainda segundo a autora:

A imaginação se alimenta de imagens novas e, por isso, talvez seja tão acesa nas crianças, para quem tantas imagens são novas. Assim, a escuta literária das crianças deve ser tão intensa quanto a nossa escuta literária de adultos, e talvez seja muito mais. Essa escuta é o broto do amor pela literatura, que tanta felicidade e sentido poderá trazer à vida delas, nos seus anos de infância e futuro afora. (*ibidem*, p.10)

Por conta disso, acredito que a narração de histórias traz uma grande contribuição às crianças, especialmente por proporcionar a ampliação das vivências imaginativas para as crianças. E entendo que a interação entre contador e ouvinte tem um papel importante nisso.

## 1.2 A mágica interação entre narrador e espectador

Neste item, irei destacar o que observei sobre o processo de interação com as crianças durante os momentos de narração de histórias. Para tanto, exploro inicialmente alguns sentidos da palavra interação. No dicionário Houaiss a palavra *interação* aparece com a seguinte definição: “influência ou ação mútua entre coisas e/ou seres.” (p.444, 2010), e a palavra *interagir* é definida como: “agir afetando e sendo afetado por outro(s).” (*idem*). Vigotsky (1998) nos ensina que a interação é fundamental para o desenvolvimento da mente, é que é por meio da interação entre diferentes indivíduos que os processos de aprendizagem se estabelecem. Observo que, quando falo em “interação”, aqui, me refiro especificamente à troca mútua entre narrador e ouvinte. E irei prosseguir dialogando com o modo como alguns autores se referem à interação entre contadores de histórias e espectadores, para compreender melhor o sentido desse processo no contexto da narração de histórias.

Acredito que durante uma performance narrativa “quem conta faz um pacto com quem ouve, dando-lhe a mão, instalando-o em um tapete voador e levando-o junto em uma viagem de alegria dramática” (GIRARDELLO, 2014, p.38). Durante esses anos como narradora de histórias, muitas vezes vivenciei a viagem das crianças para dentro das histórias, e, durante estes momentos, me permiti viajar junto com elas neste tapete voador e visitar outros mundos, reinos e terras distantes, fazer amigos, viver aventuras e cantar as mais diversas canções. Girardello (2014), fala também que contar uma história

envolve o prazer de compartilhá-la com as outras pessoas que seguem junto conosco, amontoadas no mesmo tapete. [...] Ruth Sawyer (1976, p.28) falava que no momento de narrar, devemos procurar estar “gloriosamente vivos”,



para que ele seja um encontro divertido para as crianças e para nós também.  
(p.38)

Concordo com a autora, e acredito que esta troca entre narrador e ouvinte só é possível quando existe uma entrega de ambos os lados. Para quem conta esta entrega acontece muito antes, desde o momento em que se escolhe a história que vai contar, pois, como já falei, ao escolher uma história para contar, acredito que ela deve nos tocar, tocar no coração e na alma, para que assim seja possível compartilhá-la com o outro. Pois esta partilha só é possível quando o narrador acredita na história que vai contar e identifica-se com ela; e quando a história está gravada em nós de forma profunda, podemos, assim como fala Busatto (2003, p.45) “contar com o coração”.

Para Celso Sisto, contar uma história equivale a revelar um segredo, sendo que narrador e ouvinte precisam estar disponíveis para que o mistério ganhe espaço e o que está por vir sirva como uma ligação entre eles, firmando um acordo baseado na entrega e na disposição de ambos. Sisto ainda nos diz que o ouvinte espera que haja entre contador e ouvinte uma correspondência de emoções e sensações: “O ouvinte quer se encantar, quer esquecer-se temporariamente de tudo” (SISTO, 2004. p.87). O autor se refere a essa correspondência como sendo uma mediação, ideia também próxima à de interação:

Há também no contar histórias um certo convite ao abrigo, ao “agasalhamento”. O território do imaginário protege o ouvinte. Oferece amparo para que as emoções possam fluir livremente, para que o contato consigo mesmo se beneficie da mediação do contador e da história. E é evidente que, quando o ouvinte se entrega à história, ele fica vulnerável, mas certamente sai favorecido da experiência (SISTO, 2004. p.89).

Por conta disso, acredito que esta partilha entre narrador e ouvinte crie laços afetivos com uma dimensão imensurável, e que devem ser renovados a cada letra, palavra, linha e página contada, pois apesar de muito fortes, são ao mesmo tempo frágeis, e cabe a quem conta a iniciativa de renová-los. Durante este processo, o narrador vivencia a felicidade de compartilhar, de ser parte de um todo e de estar com aquelas pessoas. A partilha interativa entre narrador e espectador é descrita assim por Girardello (2003)

Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem

conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causada pelas emoções que a história desencadeia. (p.03)

A autora Marina Manferrari (2011) também contribui e diz que a narração é um momento de troca, ainda que abstrato, e por isso precisa ser pensado e preparado, pois

se o momento narrativo funciona, entre nós e as crianças estabelecem-se fios que vão e vêm, tece-se uma teia carregada de significados, passa-se para as crianças uma mensagem de aliança, um sentido de proteção e de cuidado. Uma resposta à necessidade das crianças de receber palavras narrativas e de serem transportadas para outro lugar (p.54).

E é nesse momento que a imaginação aflora dentro de nós, e podemos mergulhar na história e enxergar os detalhes que estão sendo contados, a bicicleta atrás do celeiro, a manhã de sol, os caminhos pedregosos e as poças d'água vão se formando e criando vida dentro de nós. Concordo com Girardello (2011), quando diz que

muitos detalhes das cenas precisam ser criados mentalmente pelo narrador antes de contar uma história [...]. Outros vão sendo reimaginados a cada vez que ela é contada de novo, do mesmo modo como a criança reimagina a cada vez que escuta [...]. Ou seja, o trabalho de criação imaginária, numa partilha narrativa entre adultos e crianças, dá-se necessariamente em mão dupla, ou não se dá (p.85).

Desta forma, podemos ver o quanto a narração de histórias contribui para o processo de criação das imagens mentais das crianças, pois ela poderá contribuir para que as crianças criem e organizem seu próprio repertório de imagens, “narrar histórias, não é “dar” as imagens prontas para as crianças, mas, “ao contrário deixar que [elas criem] personagens, cenários, situações, segundo seus referenciais”(BUSATTO, 2003, p.53), de modo “que cada criança imagine sua princesa, seu castelo, sua bruxa.” (UMBELINO, 2005, p.20). A autora Janaína Umbelino prossegue e nos fala que, para Vigotsky, a compreensão do texto e a atribuição de sentido a ele são influenciadas pela relação entre os interlocutores, pelos gestos, pela entonação da voz do narrador, que promovem uma interação verbal entre eles. Para a autora:

No momento da narração percebemos interação entre texto, narrador e criança, sendo na relação entre eles que essas relações se definem e se materializam na forma de imagens. O diálogo acontece não através da mudança de interlocutores, mas na compreensão do que está sendo dito e na resposta, mesmo silenciosa, da criança às sensações que a história lhe provoca. (UMBELINO, 2005, p.22).

Girardello ainda nos fala que contar histórias não é uma partilha apenas no plano da linguagem, é a troca que acontece também no ar que respiramos, nos lembrando que “para os guaranis, as palavras têm alma, é como se fossem vivas [...] E é por isso, porque as palavras – e as histórias – têm esse poder de criar mundos” (2014, p.14), somente o narrador que mergulha profundamente nas palavras de uma história, e a cria mentalmente, cena por cena, que sente as cores, os cheiros e os sabores, que sente as palavras criarem formas, peso e volume, é capaz de compartilhar aquela história e fazê-la multiplicar-se para outros corpos e mentes, que irão compor outros imaginários.

Por isso, concordo com Umbelino quando a autora nos fala que, ao contar uma história, o espectador não apenas a escuta, mas a “absorve”: “há entre ouvinte e contador uma interação que promove a reelaboração da história: quem ouve completa a história da sua própria forma, com base em suas experiências; e quem conta também dá forma ao seu contar a partir do encontro subjetivo com o ouvinte” (UMBELINO, 2005. p.24).

Incorporo as palavras de Girardello neste momento e digo que “assim como nunca se atravessa duas vezes o mesmo rio, também nunca se passa duas vezes pelas cenas de uma história” (2014, p.17), pois acredito que, por maior que seja a interação entre contador e espectador durante um momento de narração, as imagens provocadas em ambos nunca serão as mesmas, pois o momento não será o mesmo. E quando a história é contada pela mesma pessoa, mas para um público diferente, os laços imaginativos e afetivos criados nestes momentos mudam, tudo muda de acordo com o momento vivido por quem conta e por quem ouve. Para Celso Sisto,

Contador e ouvinte precisam estar disponíveis! E mais uma vez o mistério ganha espaço: é o inesperado que serve de elo entre eles. O acordo mais ou menos tácito entre quem conta e quem ouve se faz baseado nessa entrega, nessa disposição. É como dizer: “fecha os olhos e vem!”. Mas para chegar a fechar os olhos é preciso confiança, afeto, amorosidade. Fechar os olhos é só o começo da jornada. De olhos fechados não se pode apreciar a paisagem. Então “abra os olhos e veja” (e esses lugares são sempre insuspeitados!). É isso que o ouvinte quer! Que o contador o ajude a ver! E o contador se propõe a assumir publicamente esse papel de intermediário. (2004, p.86)

O autor prossegue:

O que o ouvinte espera, do narrador, neste momento, é que haja entre eles uma correspondência direta de emoções e sensações. O ouvinte quer se encantar, quer esquecer-se temporariamente de tudo e penetrar em um

território que, a despeito do nome que se dê: fantasia, imaginário, etc..., é sempre um entre-lugar. Um espaço etéreo, ainda sem nome fixo ou mesmo um lugar de muitos nomes [...], construído no momento em que a história aparece como um fluxo, mas que fatalmente se extinguirá quando a história acabar. (*idem*, p.87).

Coelho (1999) também nos fala que a história não acaba quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora.

Em vista disso, no próximo capítulo vou voltar o foco novamente para o grupo *Contarolando*, para apresentar alguns registros pessoais de experiências que vivenciei como contadora de histórias, bem como o encantamento e a interação com as crianças durante estas performances narrativas.

### **CAPÍTULO 3 - Contando com alma e coração**

Neste capítulo, trarei três registros de apresentações do grupo *Contarolando* em diferentes espaços. Durante toda minha trajetória como narradora, vi e vivenciei a importância de não utilizarmos sempre os mesmos recursos e técnicas para contar histórias, assim como da diversificação dos locais onde fazê-lo. Faço isso também para que seja possível relatar como cada narração é única, pois por mais que as histórias sejam as mesmas, a mudança de local e de público influencia o modo como as contamos.

Foi um presente poder estar com aquelas crianças e vivenciar alguns poucos momentos ao lado de cada uma. Trago abaixo os registros destes momentos.

#### **3.1. Na Creche Orlandina Cordeiro, 8 de maio de 2014:**

Esta creche foi o local onde eu realizei meu estágio obrigatório da Educação Infantil. Localizada no bairro Saco Grande, é uma creche grande com 12 grupos, ligada à rede municipal de educação de Florianópolis. A apresentação do *Contarolando* na creche Orlandina Cordeiro aconteceu dia 8 de maio de 2014, e aquele foi um dia de grandes expectativas para mim, pois iria me apresentar para as crianças com quem eu passava a tarde como estagiária. Conhecendo principalmente o grupo G5B de crianças entre 4 e 5 anos, em que eu atuava, tinha certeza de que eles gostariam muito das histórias e teriam bastante interação conosco. Neste dia, a composição do nosso grupo era a seguinte: Melany, Bárbara, Nina, Andréa, Larissa, Giselli, Mariana, Daniela e Simone. Como eu, a Bárbara, a Andrea, a Nina e a Simone já conheciam o espaço da creche, e em uma reunião decidimos que apresentaríamos as três histórias: *Amigos de Helme Heine*, *O pacote que tava no pote* e *Gaitinha tocou*, *Bicharada dançou*, ambas de Eloí Bocheco, sendo que estas duas últimas histórias seriam apresentadas juntas.

Ficou decidido antes que nós iríamos nos apresentar somente para os grupos 3, 4, 5 e 6, e que as apresentações seriam feitas em quatro etapas, para os grupos 3 e 5 apresentaríamos a narrativa *Amigos*, e para os grupos 4 e 6 apresentaríamos as duas histórias de Eloí Bocheco, em conjunto. Porém, por serem grupos grandes, decidimos fazer quatro apresentações no total. Como as apresentações precisavam encerrar até às 11 horas, em virtude do horário do almoço das crianças, nos encontramos na UFSC às 8h30min, para carregarmos os materiais para os carros e seguirmos juntas até a Creche.

Ao chegarmos, fomos recebidas pela Professora Virgínia, que estava temporariamente ocupando o cargo de Supervisora Pedagógica, então a Professora Simone nos conduziu pelos espaços da creche para decidirmos em conjunto onde faríamos as apresentações daquela manhã. Após alguns momentos de avaliação, decidimos nos apresentar na entrada do Parque dos Menores, entre as salas dos grupos 2 e 3.

Então fomos organizar o espaço para as apresentações e decidimos começar contando as duas histórias de Eloí Bocheco para os grupos 4, e depois a história *Amigos*, de Helme Heine, para os grupos 3. Enquanto organizávamos o espaço, as crianças a nossa volta estavam super agitadas, curiosas para saber o que aconteceria ali em breve. Após organizarmos os materiais, pedimos que as Professoras começassem a trazer as crianças para podermos dar início às apresentações.

Após todas as crianças serem acomodadas, começamos a apresentação com *O pacote que tava no pote*, história que exige certo nível de concentração por parte das crianças, pois tem muito movimento, já que "a bruxinha Elisa" anda por entre elas para encontrar os animais que irão ajudá-la. Porém esta concentração não aconteceu, pois a sala do grupo 2, ficava ao lado do local onde estávamos apresentando, e as crianças desse grupo estavam brincando com instrumentos musicais bem ao nosso lado. Então, na apresentação nesta história, sentimos as crianças muito dispersas, e o barulho atrapalhou muito.

Passamos então para a segunda história de Eloí Bocheco, *Gaitinha tocou, Bicharada dançou*. Nessa performance, apesar de haver bastante movimentação, todos os personagens estão compondo a cena, a movimentação é bem menor e o colorido aparece mais. Mesmo

assim, em função do barulho ao lado, a concentração ficava difícil: as crianças estavam atentas, mas era perceptível que não escutavam com exatidão a história que estávamos contando.

Então, aquelas crianças foram deixando o local, e em seguida as crianças dos grupos 3 foram se aconchegando. Estávamos todas bem preocupadas em virtude do barulho e da movimentação à nossa volta, acredito que por isso nesta apresentação tivemos muitas falhas, partes foram puladas e palavras esquecidas. É claro que as crianças não perceberam nada, pois aquela história era nova para elas, porém, mais uma vez, vimos que elas não estavam nos escutando bem e que não estávamos criando a repercussão de que gostaríamos, e os momentos de suspense e de comédia pouco foram percebidos.

Após terminarmos a apresentação dessa história, tínhamos a certeza de que precisávamos repensar o local para contarmos as próximas, pois percebemos que naquele espaço não iríamos conseguir fixar a atenção das crianças, tínhamos muito movimento e muito barulho à nossa volta. Sabíamos que esses detalhes influenciam o ouvinte a se aproximar da história, a se entregar a ela. Como diz Manferrari na citação que fizemos a p.16, "a narração é um momento de troca, ainda que abstrato, e por isso precisa ser pensado e preparado" (2011, p.54).

Desta maneira, nós não esperávamos um resultado pré-estabelecido, pois a relação que se estabelece entre o conhecimento do novo por meio das histórias já é algo significativo, e assim pensar e planejar estes momentos deve ir ao encontro dos interesses e necessidades das crianças, para que seja possível que elas apreciem ouvir e contar histórias. Infelizmente, percebemos que naquele espaço isso não estava sendo possível.

Então, em uma breve conversa, resolvemos que faríamos as próximas apresentações na biblioteca. Apesar de o espaço ser menor, pelo menos ali sabíamos que seríamos ouvidas e que não haveria maiores distrações além do movimento das histórias, sem contar que, naquele espaço, estaríamos propiciando para as crianças o contato direto com os livros.

Fomos até a biblioteca e organizamos o espaço de modo a otimizá-lo, pois agora receberíamos os grupos 5 e 6, que são grupos maiores, com em média 20 crianças cada um.

Como falei, decidimos contar primeiro as duas histórias da Eloí Boheco para os grupos 6. Na primeira história os personagens ficam na plateia, então tomamos cada um dos lugares e pedimos que as crianças entrassem.

Naquele lugar tudo foi diferente, pois, como normalmente as crianças ouvem histórias na biblioteca, quando iam entrando, a impressão que me dava era que elas sentiam que algo mágico estava para acontecer, suas expressões de surpresa ao ver que o espaço estava diferente e que havia pessoas alheias ao seu cotidiano ali ficaram bem evidentes. Aos poucos todos foram se acomodando e, ao ouvirem a primeira nota da flauta, o silêncio foi absoluto, todas as crianças estavam atentas, querendo saber o que aconteceria a seguir, queriam ver o que estava saindo de dentro daquela caixa. Tive certeza de que, assim como fala Corsino, naquele momento promovemos encontros e diálogos, deixamos emergir a dimensão expressiva da linguagem (2006, p.40).

A história seguiu e, a cada personagem visitado pela bruxinha, eu sentia o olhar de curiosidade das crianças a minha volta, elas queriam realmente saber o que viria a seguir, qual a cor do lenço ou o instrumento tocado pelo personagem que iria ajudar a bruxinha Elisa a abrir o pacote. Mas quando a bruxinha finalmente abriu o pacote e revelou o dente de leite dentro dele, a surpresa e o desapontamento foram gerais, lembro-me de ouvir: “*Tudo isso por um dente de leite?!*”. Porém, como a história não acabava por aí, as crianças, agora mais agitadas, pareciam estar imaginando o que aquele barulho de vários instrumentos sendo tocados juntos traria a seguir. Continuamos com a segunda história da bruxinha Elisa, e no momento em que a arara suspirou e a história terminou, a expressão de “quero mais” começou a aparecer naqueles rostinhos, e a algazarra foi geral.

Depois, as crianças foram deixando o ambiente para dar espaço para as crianças dos grupos 5, entre eles o grupo 5B, que, como já falei, foi o grupo em que realizei meu estágio curricular da Educação Infantil. Na história seguinte, não estávamos no palco, então ficamos esperando do lado de fora da biblioteca, e as crianças do grupo em que atuei, ao me verem e verem a Bárbara, minha companheira de estágio, não se contiveram e vieram nos beijar e abraçar. Após muitos beijos, abraços e elogios de como “estávamos lindas”, elas se acomodaram e demos início à narração da história *Amigos*.



Foi muito satisfatório poder ver o quanto elas estavam se divertindo, interagiam conosco e com os personagens, riam dos momentos de comédia e repetiam algumas falas. Foi tocante ver o envolvimento das crianças com o porco Valdemar, o rato Frederico e o galo Juvenal. Na apresentação desta história, não houve muito silêncio, mas eu sentia que a imaginação corria solta naquelas mentes e corações férteis, foi gratificante ver seus olhos brilharem e perceber que suas mentes divagavam ao longe, imaginando.

Naquele momento me senti privilegiada, pois acredito que “a narrativa de histórias amplia a aquisição de conhecimentos e experiência das crianças, desperta a criatividade, a imaginação, a atenção e principalmente o gosto pela leitura.” (RIBEIRO, 2010, p.7), e naquele momento, eu e minhas companheiras estávamos mediando aquele encontro. Em vista disso, continuo afirmando, não faz sentido contar uma história por contar, sem antes nos deixarmos contagiar por ela, pois só assim é possível se lançar com o coração, “o que implica estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade” (BUSATTO, 2003, p.47). Acredito também no compartilhar, pois, assim como fala Busatto, “o ato de compartilhar é tão poderoso que se torna impossível dimensionar os seus efeitos sobre nós” (*idem*, p.48).

Prossigo me referindo a este movimento de contar e ouvir histórias, utilizando-me da metáfora de que os momentos de contar histórias são como clareiras num bosque (GIRARDELLO, 2011, p.82). Corroboro a autora, quando diz:

contar e ouvir histórias age como uma pequena clareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. Longe em anos-luz e longe no tempo, desde o passado mítico ao futuro intergaláctico. E podem exercitar, ao mesmo tempo, a possibilidade de sentir-se radicalmente perto de si próprias, enquanto a batida dos corações acelera, e os pelinhos dos braços arpejam de emoção. (*idem*, p.83)

Foi exatamente assim que me senti ao deixar a creche Orlandina Cordeiro e retornar à UFSC naquele dia, emocionada e cativada pela participação e pelos laços afetivos criados com aquelas crianças.

### **3.2. No Hospital Infantil Joana de Gusmão, abril de 2015.**

Em 2013, recebemos um convite da Prefeitura Municipal de Florianópolis para nos apresentarmos na Semana Municipal do Livro, no Hospital Infantil Joana de Gusmão. O convite foi aceito, e a apresentação foi linda, tocou e marcou o coração de cada uma ou das contadoras. Então, em 2015, quando recebemos o convite novamente, não tivemos dúvidas e logo aceitamos. O transporte nos dois casos foi oferecido pela Associação de Voluntários de Saúde do Hospital Joana de Gusmão (AVOS).

Como foi nossa primeira apresentação do ano, marcamos um ensaio antes para refrescar o corpo, a voz e a memória, pois sentíamos que deveríamos nos preparar para que a apresentação não ficasse comprometida pela falta dos elementos essenciais: “emoção, texto, adequação, corpo, voz, pausas e silêncios, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória e credibilidade” (SISTO, 2012. p.60). Após este momento de fortalecimento do grupo, nos sentimos mais seguras e, no dia 16 de abril de 2015, pegamos a van da AVOS em frente ao Centro de Ciências de Educação e seguimos para o Hospital Infantil.

Ao chegar ao Hospital, já estávamos familiarizadas com o ambiente, e seguimos pelo caminho que nos levaria até a sala de recreação, onde tínhamos nos apresentado em 2013. Ao chegarmos lá, procuramos a pessoa responsável pelo setor pedagógico para coletarmos mais informações, tais como: quantidade de crianças internadas que poderiam se deslocar para assistir a apresentação, horários, quantidade de apresentações, entre outros detalhes. Fomos conduzidas até o solário para avaliarmos se lá não seria um local mais apropriado para nos apresentarmos, pois a sala de recreação é pequena e além, de precisarmos de espaço para a encenação, precisávamos acomodar 13 crianças e seus aparelhos médicos. Entretanto, como a área externa não possuía um local em que todas as crianças conseguissem nos enxergar, além de que fica ao lado do gerador que produz uma grande poluição sonora, e para a apresentação não ficar comprometida, decidimos nos apresentar na sala de recreação, mesmo que tivéssemos que repetir as histórias para ser possível a acomodação de todos.

Ao voltarmos para o local da apresentação, tivemos uma conversa em grupo para tornar definitiva a decisão de apresentar apenas as narrativas *Gaitinha Tocou*, *Bicharada Dançou* e *Amigos*, pois, como já descrevi acima, na narrativa *O pacote que tava no pote* a personagem da bruxinha anda por entre os espectadores, e devido ao local pequeno, não seria

possível esta dinâmica de apresentação. Aproveitamos para organizar o espaço onde nos acomodamos para apresentar e avisamos que poderiam começar a trazer as crianças.

O momento que antecede a apresentação, em que as crianças estão chegando, é sempre muito mágico, seus olhares atentos e curiosos nos carregam para uma outra dimensão, a imaginação e o processo criativo correm soltos e o mistério do que virá a seguir é instaurado no ambiente, aos poucos todos vão se acomodando e o mistério vai aumentando enquanto esperam. Celso Sisto diz que

O “anúncio” de uma história tem sempre uma aura sagrada. Enquanto existe a espera, está concentrada ali toda a felicidade potencial: o aparecimento de um novo mundo e a forma como ele vai organizar-se. Inexplorado e misterioso, o que está por vir concentra uma promessa – a da alegria e do prazer.[...] Esse momento é único e, quando desperdiçado, lança para além a possibilidade de uma verdadeira interação. Interação como troca de “inteirezas” entre narrador e ouvinte. (2004, p.84)

Cada apresentação é diferente e nos marca de forma diferente, mas apresentar em um local como um hospital de crianças me toca profundamente e me emociona a cada palavra, gesto, movimento, som e canção, e eu sempre me pergunto o que será que aconteceu a eles, quais são suas histórias? Chegam de mansinho, e deixam a sala silenciosa, ao primeiro acorde soado na flauta vem o olhar de surpresa, de encantamento e de interrogação. Neste dia, contamos primeiro *A Gaitinha tocou, Bicharada dançou*. Apesar do espaço apertado, tudo saiu com maestria, os movimentos e cores dessa história encheram o ambiente, pouco a pouco nem se escutava o barulho dos aparelhos médicos, e aquelas crianças foram se transformando. A cada ação da bruxinha Elisa, seus olhares voavam e a emoção ia tomando conta dos seus corpos, o riso aparecia, assim como a cara de confusão em alguns momentos. Ao final da história, no suspiro da arara, o ambiente era outro, tudo estava mais leve e fluido. Para completar a sensação do momento, trago uma citação de Celso Sisto que descreve o que penso

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. É ele o ele da comunicação. (2012, p.32)

Na segunda história, todas já estavam mais soltas e à vontade no ambiente, na medida do possível. Esta história, do modo como a contamos, possui muitos movimentos, sons e momentos de comédia, e a interação com o público aumentava a cada palavra, durante toda a apresentação era visível o encantamento e o divertimento das crianças ali presentes. Quando terminamos esta história, a coordenadora nos pediu para repetir a primeira história, pois como o nosso horário lá coincidiu com o horário de visita do médico, algumas crianças chegaram depois e não puderam assisti-la, então nós repetimos tudo com o maior prazer.

Quando recolhemos os materiais e começamos a organizar tudo para irmos embora, a sensação de dever cumprido, de ajudar ao próximo e de proporcionar momentos felizes em meio a momentos tão tristes pairava no ar, assim como a curiosidade de saber um pouco mais sobre a história das crianças que ali estavam internadas. Isso é algo que sempre causou uma inquietação dentro de mim: vamos a tantos lugares, contamos tantas histórias, mas quase nunca somos presenteadas com uma história daquelas crianças, entramos sem saber muito sobre elas e saímos sabendo ainda muito pouco.

### **3.3. Nos CEI's Santa Cruz da Figueira e Beija-Flor – Câmara dos Vereadores de Águas Mornas, abril de 2015.**

No início do primeiro semestre letivo de 2015, uma das integrantes do grupo, que reside em Águas Mornas, nos trouxe o convite para nos apresentarmos em sua cidade, durante a semana da literatura, para duas Instituições de Educação Infantil. Como nenhuma delas possuía um espaço amplo para nos receber, e por aquele ser um evento promovido pela Prefeitura da Cidade, que foi o órgão que nos disponibilizou o transporte da UFSC até lá, a apresentação ocorreu na Câmara dos Vereadores de Águas Mornas.

Para esta apresentação, não foi possível fazermos um ensaio prévio, pois não conseguimos conciliar o horário de todas as integrantes do grupo, então cada uma ficou encarregada de repassar as falas, as letras das músicas e assistir aos vídeos que temos de outras apresentações, para que tudo ocorresse tranquilamente.

Chegado o dia da apresentação, nos encontramos no CED um pouco mais cedo para a organização dos materiais do grupo; após tudo organizado, seguimos viagem com a van

fornecida, até o local da apresentação. Ao chegarmos, o local já estava em polvorosa, todas as crianças estavam nos aguardando, a ansiedade tomava conta do lugar. Fomos recebidas pela funcionária Marleide – secretária do Secretário de Educação de Águas Mornas, que foi a pessoa que nos fez o convite, e ela nos encaminhou para o segundo andar, a sala de reuniões, local onde fizemos a apresentação.

Ela esperou que nós nos acomodássemos para conversarmos sobre o modo como faríamos as apresentações, pois, por serem duas as instituições, não caberiam todas as crianças naquele espaço e precisaríamos apresentar mais de uma vez. Combinamos que primeiro apresentaríamos as três histórias: *O pacote que tava no pote*; *Gaitinha tocou, bicharada dançou* – essas duas faríamos unidas – e *Amigos*; para as crianças de idade a partir de 3 anos, e em um segundo momento, faríamos uma avaliação, sobre se apresentaríamos todas as histórias ou não para o grupo de crianças de até três anos. Isto, pois em experiências passadas percebemos que as crianças menores têm mais dificuldade de manter o foco e o interesse durante a apresentação, por ser um tempo um pouco mais longo. Decidimos fazer essa avaliação após a primeira apresentação, pois, como afirma Sisto (2012), “uma história tem que durar o tempo da liberdade do ouvinte de ser coautor da história narrada, recebendo a experiência viva e criando na imaginação o que foi apenas sugerido pelo narrador” (p.35).

Tivemos um breve momento para organização do espaço e para fazermos alguns combinados referentes à adequação do espaço, ao modo como iríamos trocar de lugares e como seria feita a passagem entre as histórias. No momento que decidimos estar prontas, demos sinal positivo para a Marleide liberar a subida das crianças. Enquanto elas iam se acomodando, a expectativa ia adentrando o nosso peito, a atmosfera ia se transformando e o ambiente parecia estar pronto para receber a magia que viria a seguir.

Nossos olhares iam se cruzando e neste momento, a simples espera para ouvir uma história estava sendo aos poucos ressignificada. Girardello (2014) fala sobre este sentimento, para a autora “o olhar da criança agiganta e enche de significado os pequenos detalhes do cotidiano” (p.21).

Chegado o momento da apresentação, começamos com a narrativa *O pacote que tava no pote*, e a atenção das crianças foi geral, muitas faziam comentários enquanto a história era contada pela Nina: “uma bruxa!”, “pacote que tava no pote?! (risos)”. E o silêncio foi se

instaurando até descobrirem afinal o que havia dentro daquele pacote. Quando a Bruxinha Elisa falou que era o seu dente de leite, novamente a decepção foi geral. Acredito que as crianças criam uma expectativa tão grande no decorrer da história, que quando a personagem fala que era o seu primeiro dente de leite, elas se decepcionam por não ser um objeto mágico, ou qualquer outra coisa que faça parte de seus universos imaginativos.

Umbelino (2005), nos diz que “ao ouvir histórias, a plateia de adultos ou crianças, vai para um tempo e lugar diferentes da realidade cotidiana, é levada “para onde a história mandar” (p.27). A autora prossegue, trazendo uma citação de Dora Pastoriza de Etchebarne, uma pioneira no estudo da narração oral na Argentina, que afirma que “a narração abre caminho para a evasão (fuga), para a viagem ao país do imaginário.[...] Isso, segundo ela, só será possível pela comunicação entre narrador e ouvinte através da voz humana” (*idem*).

Quando os apitos e chocalhos começaram a ressoar, a curiosidade voltou a se instaurar, e demos seguimento à segunda história de Eloí Boheco, *Gaitinha tocou, bicharada dançou*. Nesta performance, como já relatei, estamos todas no palco, diferentemente da primeira história, em que estamos em meio ao público; então pude observar que durante as duas apresentações que se seguiram, um menino, de aproximadamente 3 anos, tampou os ouvidos com a mão durante todo o tempo, seus olhos estavam bem abertos, e muitas vezes ele teve uma interação com a história, dando risadas ou fazendo caretas, mas suas mãos permaneceram nos ouvidos. A única hipótese que formulo neste momento para sua atitude é a de que quem sabe ele se assuste com barulhos altos, ou não goste de música, é uma reação realmente muito curiosa, e sem conhecê-lo melhor, posso apenas especular sobre o que possa ter acontecido.

E “no suspiro da arara, a história terminou” (BOCHECO, 2008. p.16), e com o término vieram os aplausos e as expressões de “quero mais”, “conta outra”. Quando a Andréa falou que contaríamos uma terceira história, os aplausos e a felicidade foram totais. Durante toda a apresentação de *Amigos*, as crianças interagiram muito, faziam muitos comentários, davam boas gargalhadas e, ao final, quando cantamos e tocamos a música *Amigo*, duas meninas se abraçaram e comentaram: “é a nossa música!”. Para Umbelino (2005), “ao ouvir uma história a criança dá sentido a ela a partir do momento em que a compreende e lhe dá significação” (p.23).

Ao final da história, avaliamos junto à Marleide que poderíamos contar novamente as três histórias para o grupo que viria a seguir, e aos poucos as professoras foram acomodando os bebês no auditório e demos início ao segundo momento de apresentações.

Neste momento, percebi que a interação das crianças conosco foi bem menor, acredito que, pela sua pouca idade, a compreensão do enredo pode ter ficado comprometida. Observei que apenas nos momentos com música, ou realmente em alguma fala engraçada ou de mistério é que elas tinham uma maior participação, mas, mesmo não compreendendo totalmente a trama, ao final da segunda história elas também pediram bis, e então seguimos para a apresentação de *Amigos*.

Eu sempre tive a suspeita de que esta narrativa era mais adequada para as crianças de menor idade, e essa minha suspeita foi reafirmada neste dia. Apesar de as crianças não participarem tanto quanto as maiores, nesta história eu senti que elas aproveitaram mais, que o enredo as envolvia. Acredito que esta história possui um tema mais familiar em relação à realidade em que as crianças se encontravam, quem sabe por se tratar de uma história de amizade e brincadeiras entre amigos. Afinal, como diz Regina Machado, as histórias “contam um pouco da nossa própria história” (MACHADO, 1989, p.33).

Ao soar dos últimos acordes da música que encerra a história, recebemos os aplausos e o pedido de tirarmos fotos com as crianças para registro das creches; atendemos aos seus pedidos e após este momento chegou a hora de arrumarmos nossos materiais e voltarmos para a UFSC! Este dia, em especial, me trouxe um encantamento muito grande, porque eu sentia no ar a vontade daquelas crianças de nos assistirem e nos ouvirem, e mesmo sem trocarmos nenhuma palavra eu senti que ali aconteceu uma troca entre nós e as crianças: elas nos ofereceram o brilho do desconhecido e nós proporcionamos a elas um momento de prazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Conclusão de Curso me trouxe muitas inquietações e reflexões sobre a importância da arte de contar histórias, o quanto ela pode acrescentar para o desenvolvimento pleno das crianças. Neste trabalho, trouxe alguns relatos da minha experiência como contadora de histórias, porém meu envolvimento com a literatura e com a narração de histórias foi algo que permeou minha trajetória durante todo o Curso de Pedagogia.

Todo meu aprendizado junto ao grupo *Contarolando* é algo que pretendo manter sempre comigo, agora na minha prática pedagógica como Professora. Todos os momentos de fruição, de criação, de planejamento, de preparação e de companheirismo que vivi foram cruciais para me formar como professora contadora de histórias. Durante as apresentações com o grupo, não temos como mensurar o quanto nossas ações marcaram ou não cada criança, mas em todos os momentos recebemos indícios do quanto aqueles momentos eram agradáveis e prazerosos para elas. Umbelino afirma que

Quando alguém narra uma história, ela não é apenas ouvida, “absorvida” por aquele que a ouve, há entre ouvinte e contador uma interação que promove a reelaboração da história: quem ouve completa a história da sua própria forma, com base em suas experiências; e quem conta também dá forma ao seu contar a partir do encontro subjetivo com o ouvinte (2005, p.24).

Todos os autores estudados me proporcionaram uma maior compreensão e possibilidades de reflexão sobre a temática, sobre o modo como a interação ocorre entre quem conta e quem ouve, a disponibilidade que o narrador deve ter, bem como sobre os processos que envolvem a partilha de uma história, sobre o quanto identificar-se com a história escolhida é importante, sobre os diferentes modos de se expressar, não só pela fala, mas pelos gestos, com os movimentos corporais e com a expressão facial, e também sobre o quanto podemos transmitir reflexões e indagações para quem ouve, sabendo que a resignificação da história é feita a partir das experiências pessoais de cada um.

Durante todo este processo, a teoria foi de suma importância, mas foi vivenciando junto ao grupo que meu olhar se ampliou. Meu principal aprendizado foi o de poder partilhar com o outro, pois, ao oferecer uma história, acredito que estejamos oferecendo um presente valioso sem esperar um resultado pré-estabelecido. Hoje tenho a consciência de que, a partir desses momentos de interação, pude aprender um pouco mais sobre mim, sobre o que me



constitui como professora e como contadora de histórias, e sei que só pude chegar a essa reflexão, porque vivenciei aqueles momentos avidamente.

Concluo este trabalho com a consciência do quanto o trabalho desenvolvido junto ao grupo *Contarolando* alegrou e cativou milhares de corações por onde passamos, e com o desejo de que este trabalho possa continuar, mesmo com a saída de quatro integrantes do grupo, agora no final deste semestre. Os momentos que passamos juntas ficarão guardados em mim e levarei este aprendizado para dentro da minha prática pedagógica como professora. Uma professora contadora de histórias, pois isto é o que eu sou.

## REFERÊNCIAS<sup>3</sup>

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIAZETTO, Cristina. *A princesa desejosa*. Porto Alegre: Projeto, 2012.

BOCHECO, Eloí Elisabet. *O pacote que tava no pote*. Il. Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOCHECO, Eloí Elisabet. *Gaitinha tocou, bicharada dançou*. Il. Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulinas, 2008.

BUSATTO, Cleo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Il: John Tenniel; Trad: Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *As crianças contam as histórias: horizontes dos leitores de diferentes classes sociais*. Teresina: Editora Universidade Federal do Piauí, 2011.

CAVALCANTI, Francisca. *Contar Cantando*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

CORSINO, Patrícia. *O cotidiano na Educação Infantil. Salto para o futuro*. Secretaria de Educação à distância- SED- MEC, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/SALTO%20PARA%20O%20FUTURO\\_%20CotidianonaEDINF.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/SALTO%20PARA%20O%20FUTURO_%20CotidianonaEDINF.pdf)

CINTRA, Simone; DEBUS, Eliane. : “Criações cênico-literárias na formação inicial de professoras de educação infantil: as tramas tecidas pelo Grupo *Contarolando*”. In: *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 2, pp. 41-48. 2015. Disponível em: <http://www.novosmedios.org/revista/index.php/AEICp/article/view/90/72> Acesso em: 05/07/2015.

---

<sup>3</sup> As referências neste pré-projeto de pesquisa seguem as normas da ABNT, disponíveis em: <http://www.bu.ufsc.br/home982.PDF> Acesso em 01 de dezembro de 2013.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1999.

DEBUS, Eliane. *Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil*. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Grupo Cênico-Literário Contarolando*. Projeto aprovado no Edital PROCULTURA 001/2014 - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

DEBUS, Eliane S.D.; CINTRA, Simone, C.S.: Relatório de Execução Edital PROCULTURA 001/2014, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

FOX, Geoff e GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In: Girardello, Gilka. *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

FLORIANÓPOLIS, PMF. SME. A brincadeira na Educação Infantil: “nessa ciranda o mundo inteiro é meu, é seu, é meu, é seu... In: \_\_\_\_\_. *Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis*. Florianópolis: Prelo Gráfica e Editora Ltda., 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=legislacao++leis+e+orientacoes&menu=9> Acesso em: 29/04/2014.

GIRARDELLO, Gilka. *A imaginação infantil e a educação dos sentidos*. In: LENZI, Lucia; ROS, Silvia Z.; SOUZA, Ana Maria A. de; GONÇALVES, Marise M. (Orgs.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. 1 ed. Florianópolis, 2006.

\_\_\_\_\_, Gilka. *Imaginação: arte e ciência na infância*. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2, Aug. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_, Gilka. *Uma clareira no bosque: Contar histórias na escola*. Campinas: Papirus, 2014.

\_\_\_\_\_, Gilka. *Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPEd (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação da criança de 0 a 6 anos. Poços de Caldas (MG): 2003. Texto disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/gilkagirardello.rtf>. Acesso em: 29/06/2015 as 22:35h.

HEINE, Helme. *Amigos*. São Paulo: Ática, 2000.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MACHADO, Ana Maria. *Abrindo caminho*. São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Regina. *Arte educação e o conto da tradição oral: elementos para uma pedagogia do imaginário*. Tese de doutorado em Artes, USP, São Paulo, 1989.

MANFERRARI, Marina. Histórias são naus que cruzam fronteiras. *Pro-posições*, Campinas, v.22, n.2 (65), p.51-62. 2011. Disponível em:  
file:///C:/Users/User/Downloads/Hist%C3%B3rias%20s%C3%A3o%20naus%20que%20cruzam%20fronteiras.pdf

MELLO, Suely Amaral. O desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual. In; BISSOLI, Michelle de Freitas e outros (Org.). *Fundamentos da Educação Infantil*. Manaus: CEFORT/EDUA, 2007.

\_\_\_\_\_, Suely Amaral. A aproximação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: *Vigotski e a Escola Atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas*. Araraquara (SP): Junqueira & Marin, 2006.

MIRANDA, Marília Gouvêa. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silva T.M. & CODO, Wanderley. (orgs.) *Psicologia Social: o homem em desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NÓVOA, António (Org.) *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1993.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. Escultura e Imaginação entre as crianças pequenas. In: *Infância: Imaginação e Educação em Debate*. Campinas (SP): Papirus, 2007.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2007.

RIBEIRO, Elisa. *A contribuição da Contação de Histórias para a Aprendizagem na Educação Infantil*. Curitiba, 2010. Disponível em:  
<http://tcconline.utp.br/wpcontent/uploads/2012/07/A-CONTRIBUICAO-DA-CONTACAO-DE-HISTORIAS-PARA-A-APRENDIZAGEM-NA-EDUCACAO-INFANTIL.pdf> Acesso em: 08 de outubro de 2013.

SILVA, Jandimara Cristina Paulino da; AFONSO, Maria Aparecida Valentim. *A Importância da Contação de Histórias na Educação Infantil*. Paraíba, 2012. Disponível em:  
[http://cchsa.ufpb.br/portalanterior/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=125&Itemid=28](http://cchsa.ufpb.br/portalanterior/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=125&Itemid=28) Acesso em: 08 de outubro de 2013.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: Girardello, Gilka. *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis, SESC/SC, 2004.

\_\_\_\_\_, Celso. *Textos e Pretextos: sobre a arte de contar histórias*. 3.ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUSA, Eliseu Clementino de. *A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação*. Revista Educação em Questão, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006.

UMBELINO, Janaina Damasco. *A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do Pró-leitura*. Dissertação de mestrado em Educação. UFSC, Florianópolis, 2005.

VIGOTSKY, L.S. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

Músicas citadas:

PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Uma história. CD *Canções de Brincar*. Editora Palavra Cantada, 1996.

PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Pé de Nabo. CD *Pé com Pé*. Editora Palavra Cantada, 2006.